

Dalcídio Jurandir. O romance paraense. Criaturada grande de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Aristocracia de pé no chão.

Eneida de Moraes

Transcrição de: **Eneida - Romancistas também personagens**. Editora Cultrix: São Paulo

Dalcídio Jurandir veio do Pará e, sem ter a menor patente naquele exército gnomônico criado por Jaime Ovalle, Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Bandeira, tornou-se um romancista nacionalmente conhecido, empenhado principalmente em contar - talvez fosse melhor dizer divulgar - a vida paraense, tudo que ele próprio viveu e sentiu, menino pobre de família pobre, na Ilha do Marajó.

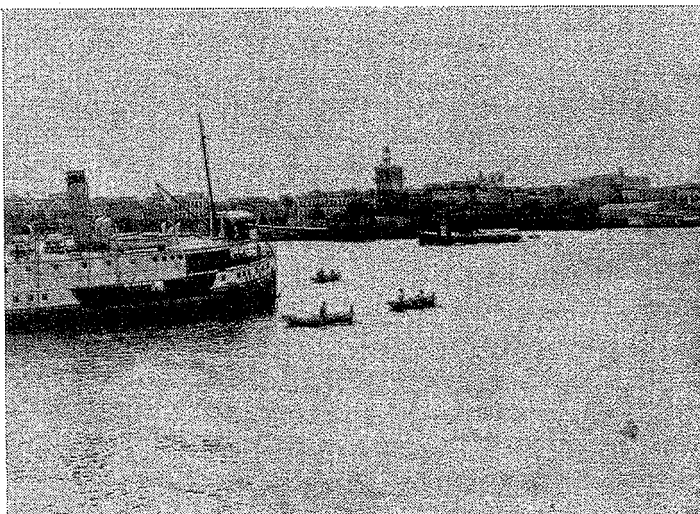
Quando apareceu com seu primeiro romance, **Chove nos Campos de Cachoeira** - que obteve em 1941 o Prêmio Vecchi num concurso promovido pelo jornal literário **Dom Casmurro**, já trazia para os leitores a história dolorosa, agitada aqui, morna ali, das populações marajoaras. Fiel à sua terra, à sua gente, a tudo que viu e viveu em Cachoeira, a vilazinha vizinha da Ilha do Marajó, Dalcídio diz:

- Toda a série de romances que estou escrevendo não é nada mais que o desenvolvimento dos temas apresentados ou esboçados em **Chove nos Campos de Cachoeira**. O plano da obra, já no sexto

volume e que deve ir ao décimo, é um pensamento da mocidade. A primeira versão do **Chove** foi feita aos vinte anos. **Marajó** é dos meus vinte e quatro anos, reescrito em 1948 e que ficou sete anos sem editor. Em 1955 foi levado por Jorge Amado a José de Barros Martins, que aceitou a risco e me estimulou o trabalho, agora ininterrupto. Fiz ainda, entre 1951 e 55, o **Linha do Parque**, sobre trabalhadores da cidade do Rio Grande, onde passei uma temporada, livro de muito amor e de uma definição, em termos de romance, que marca, sem rodeios e creio que por todo o resto de minha vida, o meu pensamento como escritor e como romancista.

(Explicação ao leitor: o romance **Linha do Parque** de Dalcídio Jurandir é o único que não faz parte de sua temática amazônica).

Depois de **Marajó**, que Luís da Câmara Cascudo considerou "uma boa e segura fonte de informações etnográficas" e no qual "o documento humano não foi empurrado e comprimido para caber dentro de uma tese, mas vive, livre e natural, na plenitude de uma veracidade verificável e credível" o romancista publicou **Três Casas** e **Um Rio**. É a história de um menino de cor - Alfredo - querendo estudar e não podendo, querendo sair de casa, fugir, partir para ser alguém e olhando Belém, a capital do Pará, como um porto seguro e certo para se tornar um homem.



O rio - aquele Arari - e o menino se amavam e se odiavam. Alfredo, quando o rio enchia, pescava ou fingia que pescava por uma fenda do assoalho da casa paterna. Alfredo patinhava em lama, vivendo sempre o mundo do faz-de-conta, viajando para Belém, capaz de sustentar a mãe preta que ali vivia com o pai

branco. Entre o menino e o rio, agitavam-se personagens, um mundo vivendo e morrendo, fracassando quase sempre. Há Malagueta personagem sem importância se bem que muito *esparampantada*; há Sebastião passando a roupa a ferro para os *isques* de sábado; há no livro muitos *disque* (o nosso querido dizem que) tão usados pelos paraenses como o *eras*, o *axi* e outras palavrinhas que vivem na boca do caboclo paraense contando coisas da vida. Tio Sebastião viu a pororoca, mas de muitas coisas não pode lembrar, pois "era bem jitiinho". Dalcídio Jurandir não perdeu o linguajar paraense se bem que - não sei por que - coloque algumas expressões sempre

entre aspas.

A mãe de Alfredo não era casada com o Major Alberto, seu pai; Alfredo sabia que era apenas a *esposarana* e isso muito o feria, pois para ele mesmo, quando a mãe deu para beber, a figura máxima era aquela preta alta, limpando os dentes brancos com charuto. “O menino insistia nas suas indagações: que faltava para que sua mãe fosse uma senhora? Ir aos bailes? Assinar o nome do Major? A cor?”.

Muitos personagens, muitas lendas, estórias de jacarés e cobras, as frutas paraenses, as comidas, tudo está vivo em **Três Casa e Um Rio** de Dalcídio Jurandir. Gente morre, gente desaparece; o rio leva pessoas para longe, traz outras, até a partida afinal de Alfredo para Belém, para os estudos, a mãe se sacrificando, rompendo amarras só para dar àquele filho todo o bem que jamias possuiu.

Depois é um novo romance, Alfredo chegando a cidade: **Belém do Grão Pará**. Dalcídio fala:

- Há mais de trinta anos venho recolhendo e acumulando experiências, anotações, estudos, pesquisas, memória, imaginação, indagações, o faço ou não faço, no sentido da obra. Para um escritor pobre, que vende de mil a mil e quinhentos exemplares, sem vagares e ócios remunerados, o esforço é, às vezes, de desesperar, de tão braçal e tão de graça, mas é ao mesmo tempo um delícia, uma forma de satisfeita revolta contra o magro ganha-pão, o sucesso fácil, a cômoda posição pessoal no mundinho. Olho as pastas, os cadernos, o que tenho ainda a escrever, a domar, é barro bruto, a quantidade... Desanima. E logo fascina, dá o êxtase da concepção, de que falava Balzac, volto à febre, numa espécie de severa e minuciosa ambição de levantar um quadro, pelo menos extenso, de trinta anos de Amazônia. Será um simples desperdício de papel e tinta, desalentos e entusiasmos?

Estamos - repórter e romancista - sentados num bar. É difícil fazer Dalcídio Jurandir falar de si mesmo e de sua obra. Todo o caboclo amazônico é desconfiado e inquieto na sua calma aparente. Dalcídio não se fez exceção. Com muito cuidado, cidadãos amazônicos

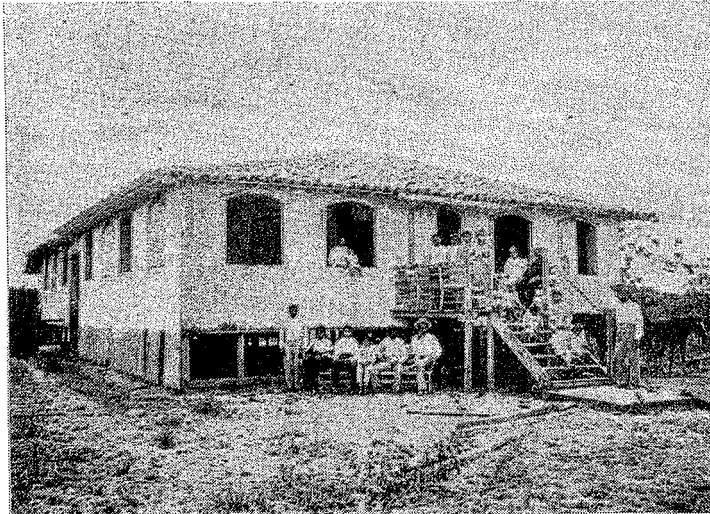
ambos, consigo que ele fale mais:

- Todo o meu romance, distribuído provavelmente em dez volumes, é feito, na maior parte, da gente mais comum, tão ninguém, que é a minha criaturada grande de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Fui menino de beirario, do meio do campo, banhista de Igarapé. Passei a juventude no subúrbio de Belém, entre amigos nunca intelectuais, nos salões da melhor linhagem que são os clubinhos de gente da estiva e das oficinas, das docas e bradinhos namoradas que trabalhavam na fábrica. Um bom intelectual de cátedra alta diria: são as minhas essências, as minhas virtualidades. Eu digo tão simplesmente é a farinha-d'água dos meus beijos. Sou também de lá, sempre fiz questão de não arredar pé de minha origem e para isso, ou melhor, para enterrar o pé mais fundo, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão. A esse pessoal miúdo que tento representar nos meus romances chamo de aristocracia de pé no chão. Modéstia à parte, se me coube um pouco do dom de escrever, se não fiquei por lá, pescador, barqueiro, vendedor de açaí no Ver-o-Peso, o pequenino dom eu recebo como um privilégio, uma responsabilidade

assumida, para servir aos meus irmãos de Igarapé e de barranca. As poucas letras que me cabem, faço tudo para merecê-las. Entre aquela gente tão sem nada, uma pequena vocação literária é coisa que não se bota fora. Se posso tocar viola, mesmo de orelha, tenho de tocar com ou por eles. A eles tenho de dar conta do encargo, bem ou mal, mas com obstinação e

verdade. O leitor que acaso folheie um dos meus romances pode logo achar o estilo capenga, a técnica mal arranjada, a fantasia curta, mas tenha um pouco de paciência, preste atenção e escute um soluço, um canto, um gesto daquelas criaturas que procuro interpretar com os pobres recursos de que disponho.

Belém do Grão Pará é a história de uma família - e nela como aderente vai ancorar o pequenino Alfredo - os gordos Alcântaras que tiveram alguma coisa, mas caíram quando caiu um oligarca paraense e passaram a viver humildemente, eles que sabiam viver luxuosamente. Sobre esse romance, Dalcídio Jurandir diz:



- Em **Belém do Grão Pará** está muito do meu primeiro amor à cidade e um pouco do meu desprezo e enjôo pelo que a enfeia. Utilizei uma expressão, vamos dizer, mais limpa, mas aproximadamente adequada ao que tento comunicar. Em **Passagem dos Inocentes e O Ginásiano**, aquele na editora já pronto para a publicação e este já na metade, falo da Belém suburbana e assim são cidades diferentes que vejo e imagino.

Arrisco uma pergunta para não deixar a conversa morrer:

- Teus romances sempre tomam partido?

- Sim, meus romances tomam partido. Sou um pequeno escritor de estritos, inclináveis compromissos. Estes me dão a liberdade que necessito, pois ser um pouco livre é muito difícil. Minha visão do mundo não se inspira em Deus nem no Demônio, nem no Bem nem no Mal, mas nesta vida em movimento, em que há classes sociais em luta, etc. Precária e miúda, seja, mas me ajuda a ver homens, coisas, paixões, a história, o cotidiano anônimo, o efêmero, a eternidade. Eu me prezo, honradamente, de ser bem parcial. Objetividade, imparcialidade olímpica não há; o Olimpo se mete em tudo, é só ver na Ilíada ou na Bíblia: os deuses são da política mais rasgada, do puro campanário. Todo romancista não é político? O exemplo vem dos grandes, sempre interessados pelo homem, pelo destino da

sociedade, por mil e uma formas ou aspectos da conduta do indivíduo e do homem. Três grandes políticos no romance moderno sob a absoluta aparência de artistas puros ou puros visionários: Kafka, Joyce, Faulkner. Já é uma banalidade dizer que é impossível a um romancista, o menos intemporal, uma palavra, ela existe? Atrás dela pode estar o paraíso ou a evasão mais sem-vergonha. O que existe é o homem, terrestre, temporal como diabo e aí está sua grandeza.

Em **Belém do Grão Pará**, Dalcídio Jurandir dá, como sempre nos seus romances paraense, hábitos, costumes, o linguajar de nossa gente. A conversa vai caindo nesse assunto, mas Dalcídio acha que chega, falou demais, encerra a entrevista dizendo:

- Tenho um tio em Cachoeira, no Marajó, barbeiro e cozinheiro, que se preza de um prato de sua apaixonada especialidade: o "picado fradesco". Não tenho no romance as manhas e perícia que tem meu tio na cozinha, mas vou fazendo a meu modo o "picado fradesco". É que os meus amigos e meus companheiros muito me ajudam.

Eneida de Moraes é cronista paraense. Autora de Banho de Cheiro, Aruanda, Cão da Madrugada, Sujinho de Terra e outros. Criadora do Baile do Pierrô.

